

TRABALHO REPRODUTIVO E PANDEMIA DE COVID-19: O CUIDADO AFETIVO-EMOCIONAL

LUIZA CAETANO AFFONSO¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – luiza.affonso@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre o trabalho reprodutivo, historicamente relegado às mulheres, e seus desdobramentos no atual contexto de pandemia do novo Coronavírus a partir da análise de um recorte de dados coletados pela pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”, realizada pelo laboratório Pulsional (UFPEL), em parceria com os laboratórios Marginália (UFRJ) e Épochè (UFPEL). A pandemia de COVID-19 vem sendo tratada como uma das maiores emergências internacionais de saúde pública das últimas décadas e, especialmente no contexto brasileiro, esse cenário não se limita a uma crise sanitária, mas a uma crise do capitalismo que se configura em uma catástrofe psicossocial. Nesse contexto, o trabalho reprodutivo, principalmente o de cuidado, adquire grande centralidade na manutenção da vida e uma carga ainda mais pesada sobre os ombros das mulheres.

O trabalho reprodutivo é, portanto, aquele que, em oposição ao conceito de trabalho produtivo, não produz imediatamente mercadorias. O trabalho de cuidado pode ser uma atividade específica de alimentar uma criança ou auxiliar um familiar idoso no banho, e também os cuidados da saúde, que engloba o cuidado em saúde mental ou cuidado afetivo-emocional, dimensão do cuidado ainda mais invisibilizada dentro do trabalho oculto da reprodução social. Segundo Federici (2019), o trabalho doméstico não só tem sido imposto às mulheres, como também atribuído à uma natureza feminina que tem na sua condição de não remuneração o fortalecimento da ideia de que as mulheres o fazem por amor. O trabalho de manter e reproduzir a vida vai muito além de limpar a casa, “é servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia” (Federici, 2019, p.68). Nesta investigação, nos detemos ao entendimento de cuidado afetivo-emocional como cuidado em saúde mental e parte do trabalho reprodutivo não remunerado, desempenhado pelas mulheres na divisão sexual do trabalho.

Nas respostas ao questionário da pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” muitos relatos abordaram esse tipo de cuidado, mais especificamente na pergunta dissertativa “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?”. A partir das respostas ¹desta questão, elegemos o seguinte recorte para a análise das narrativas aqui apresentadas: mulheres brancas e negras, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidam de filhos e outros familiares. Vale aqui ressaltar que partimos de uma ideia não universalizante da categoria mulher, enquanto um mito construído, mas das

¹ A pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” conta com financiamento de uma bolsa de pesquisa do CNPq e uma da FAPERGS.

múltiplas e mutáveis formas de *mulheridades* possíveis, por uma perspectiva que articula classe, raça e gênero e as diferentes experiências engendradas.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado com base no método psicanalítico de pesquisa, em que as pesquisadoras assumem sua perspectiva parcial, situada e corporificada frente aos dados e a implicação com o que se propõem a pesquisar. Distante de um modelo tradicional de ciência, o estudo não busca por resultados verificáveis e replicáveis. O rigor do estudo encontra-se, portanto, em descrever os processos de cada percurso metodológico, levantar interpretações possíveis e colocar em diálogo com as teorias, por meio da narrativa transferencial, que dá a marca da singularidade ao que se descobre e ao que se inventa e cria em uma pesquisa com o método psicanalítico (Figueiredo, Minerbo, 2006).

O primeiro passo metodológico foi o do encontro afetivo com as respostas e relatos dos dois grupos selecionados. Essa experiência definiu a escolha de uma entre todas as questões do instrumento para ser analisada nesta pesquisa. A pergunta de caráter aberto sobre quais os maiores desafios enfrentados pelas mulheres durante a pandemia de COVID-19 revelou a dimensão do cuidado em saúde mental de filhos, familiares e parentes como uma tarefa oculta dentro do complexo e já invisibilizado quadro de afazeres e responsabilidades do trabalho reprodutivo. Aqui localizo uma de minhas implicações, como pesquisadora, por ter desempenhado a tarefa do cuidado afetivo-emocional durante a pandemia, e percebido com os relatos uma inquietação de trazer para o campo da significação esse cuidado exercido pelas mulheres, bem como investigar os impactos desse trabalho em nossa própria saúde mental.

No total, 135 mulheres negras e 449 mulheres brancas, heterossexuais, mães, que continuaram trabalhando durante a pandemia, responsáveis pelo cuidado de filhos e outro(s) familiar(es) e com renda até 4 salários mínimos, responderam à pergunta selecionada (Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?), de diversos estados brasileiros com predominância do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. As narrativas selecionadas para o artigo foram numeradas de acordo com o número do questionário preenchido de maneira anônima.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a pesquisa “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” as mulheres passaram a exercer ainda mais o trabalho de cuidado no período de isolamento social. Entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas com deficiência, 72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia durante a pandemia (Bianconi et al, 2020). Estar atenta, monitorar, se preocupar, acalmar, ouvir, confortar, entreter, orientar, são algumas das atividades que o cuidado afetivo-emocional abarca. É na esfera do trabalho reprodutivo não remunerado, e como parte do trabalho doméstico do cuidado, que localizo a análise do cuidado afetivo-emocional aqui apresentada, sob a perspectiva da feminização desse cuidado ser ainda uma realidade e, portanto, uma questão de gênero.

Nas narrativas a seguir, é possível identificar como o cuidado vai muito além de ações práticas e é uma tarefa assimilada e naturalizada pelas mulheres, como

sua responsabilidade, sendo o cuidado afetivo-emocional uma dimensão dessa complexa tarefa. Os relatos (19) e (22) de participantes negras e o (24), (48) e (310) de participantes brancas apontam para essa questão: Manter todos ocupados e positivos (19). Preservar harmonia em casa (22). Manter a sanidade mental, tanto minha, quanto da minha família (24). Manter a relação com meu filho saudável e compreender os sentimentos dele mesmo enfrentando meus próprios conflitos, manter a vida organizada e conciliar o cuidado (48). Acho que os maiores desafios é manter uma rotina que seja satisfatória a todos os componentes da casa entre estudar e trabalhar e lazer (310). Foi possível observar uma aproximação nas respostas das participantes negras e brancas quanto a preocupação e o exercício do cuidado afetivo-emocional da família. O relato (48) exemplifica algumas das várias camadas de trabalho subjetivo que o cuidado afetivo-emocional demanda, especialmente em momentos de crise.

A dimensão do cuidado em saúde mental, como uma tarefa das mulheres, é explicitada nas narrativas (13), (53), (54) e (80) de participantes negras e (164), (250) e (305) de participantes brancas: Ajudar meu filho a vencer a depressão (13). Conciliar tarefas de casa com trabalho e dar conta de tudo, inclusive da frustração e depressão do filho (53). Deixar minha mãe feliz calma com controle emocional (54). Zelar pela saúde mental e física do meu esposo que também está de quarentena e não me deixar contagiar somente de tristeza com tanta tragédia (80). Manter isolamento e dar apoio para meu filho, ajudando-o a manter sua saúde mental (164). Cuidar para que meu filho de 3 anos não seja abalado psicologicamente frente à nova realidade (250). Manter a família emocionalmente bem (305). Novamente há uma aproximação nos relatos de participantes negras e brancas quanto ao papel do cuidado em saúde mental dos diferentes membros da família. Em relação ao cuidado da própria saúde mental, foram poucas as participantes que mencionaram a questão, em comparação aos relatos que focam na saúde mental de outros.

Para além do cuidado com os filhos, algumas respostas apontam para a responsabilização do cuidado emocional de familiares e até de terceiros, ultrapassando o espaço privado do lar. A preocupação com a situação financeira apareceu em mais relatos de mulheres negras do que de mulheres brancas, e marcadas por uma ideia de continuidade da preocupação, indicando que a questão já carregava uma carga estressora antes da pandemia. Nos relatos de participantes brancas, a preocupação com a questão financeira apresenta elementos diferentes, localizados no momento presente, junto ao desafio de não poder sair de casa. Nas respostas de participantes negras, o medo de faltar dinheiro e emprego é relatado como desafiador, assim como prover a alimentação e a preocupação direta com a sobrevivência, questão que não aparece nas narrativas das participantes brancas quanto ao fator financeiro. Além disso, a pesquisa indicou diferenças contextuais significativas entre os desafios apontados pelas participantes brancas e negras na pandemia. Enquanto para muitas mulheres brancas, não poder sair de casa e o convívio familiar prolongado foram desafiadores, não ter direito ao isolamento social, enfrentar o transporte coletivo com risco de contágio e conviver com o preconceito em meio à crise foram questões presentes nos desafios das mulheres negras respondentes.

Esse cenário reafirma a necessidade de racializar e gendricar o conhecimento e as pesquisas de forma geral e o cuidado em saúde mental das mulheres, em especial das mulheres negras, cujo nível de exposição a fatores de risco para a saúde mental é mais alto que para mulheres brancas ou homens

negros, pela sobreposição de estressores múltiplos - que sinergizam - inerente à interseccionalidade de classe, raça e gênero (Gouveia, Zanello, 2019).

4. CONCLUSÕES

Dar conta do cuidado da saúde mental de filhos e familiares evidencia a especificidade desse trabalho de cuidado e, durante a pandemia, o acúmulo de mais um papel para as mulheres. Além de mães, esposas, trabalhadoras, professoras, enfermeiras, o papel de cuidadoras também da saúde mental, passa a ser exercido tanto pelas mulheres brancas quanto pelas mulheres negras que responderam a pesquisa.

A dimensão do cuidado afetivo-emocional revela aproximações importantes nas experiências narradas pelas participantes brancas e negras, mas também expõe diferenças que são marcadas historicamente na intersecção de raça, classe e gênero. Ainda que as mulheres negras e brancas desempenhem o cuidado afetivo-emocional, e se sintam responsabilizadas por ele, é importante destacar que os contextos subjacentes se diferem. Desse modo, os relatos não podem ser analisados de forma simétrica, pois os desafios enfrentados pelas participantes negras estão engendrados pelos condicionantes do racismo, e seus efeitos operam de forma a agravar a exposição e vulnerabilidade aos fatores estressores e de risco.

O trabalho reprodutivo continua sendo um trabalho extenuante e majoritariamente exercido pelas mulheres e o cuidado afetivo-emocional é parte constituinte – embora invisibilizado – desse trabalho complexo. Através das narrativas, vimos que o cuidado afetivo-emocional se fez ainda mais necessário diante dos impactos psicossociais do contexto pandêmico, e os efeitos dessa demanda crescente na saúde mental das mulheres, articulado aos marcadores de raça e classe, é um campo que exige de forma urgente investigação, discussão e construção de políticas públicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCONI, G. et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. **Gênero e Número e SOF**, 2020. Acessado em 14 jul. 2021. Online. Disponível em: http://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Volume 1. São Paulo: Elefante, 2019.

FIGUEIREDO L. C., MINERBO M. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo**. **Jornal de Psicanálise**, 2006. Acessado em 14 jul. 2021. Online. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt.

GOUVEIA, M. ZANELLO, V. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 2019. Acessado em 15 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WLqvt9yG7rmBzz4kvp8TVSL/?lang=pt>